

ESCORPIÕES E ESCORPIONISMO NA ÁREA METROPOLITANA DE BELÉM E ARREDORES, ESTADO DO PARÁ, BRASIL (CHELICERATA, SCORPIONES)

Habib Fraiha Neto*
Pedro Pereira de Oliveira Pardal**

Não é precisamente estabelecido o número de espécies de escorpiões que ocorrem na Área Metropolitana de Belém, também conhecida como Grande Belém, correspondente à sede do município de mesmo nome, aos distritos do Entroncamento, Bengüi, Icoaraci, Outeiro e Mosqueiro, e às sedes dos municípios contíguos de Ananindeua e Marituba.

Segundo LOURENÇO⁶, são quatro as espécies referidas à região Belém, não exatamente a área metropolitana, mas outra, bem mais extensa e que, decerto, também a inclui, considerada “área de refúgio ou de estabilidade ecológica durante a última glaciação; ou, pelo menos, um “centro de endemismo” para esse grupo de artrópodes.^{9,5,6} São elas: *Tityus cambridgei* Pocock, 1897, *Tityus silvestris* Pocock, 1897, *Ananteris balzani* Thorell, 1891 e *Brotheas paraensis* Simon, 1880. As três primeiras, pertencem à família Buthidae; a última, à família Chactidae.⁶

Tityus cambridgei, descrita do Estado do Pará, onde constitui a espécie mais freqüente,⁴ é também muito comum no Amapá e na Guiana Francesa, parecendo, porém, restrita àquele país e ao leste da Amazônia.⁵ Integra o grupo dos *Tityus* grandes e negros (totalmente negros na fase adulta). Apresenta um dimorfismo sexual evidente, os machos com pinças bem mais finas e longas, enquanto que nas fêmeas elas são mais curtas e fortes; além disso, os anéis da cauda são nitidamente mais longos nos machos.³ É, provavelmente, o principal responsável por acidentes escorpiônicos na Área Metropolitana de Belém - onde seguramente ocorre - e em suas cercanias. (Figura 1)

* D.Sc. Entomologista médico, Pesquisador Titular do Instituto Evandro Chagas (FNS/Belém), Membro Titular da Academia de Medicina do Pará.

** Professor Adjunto da Disciplina de Doenças Infecciosas e Parasitárias da UFFa.



Fig. 1 - *Tityus cambridgei* ♂, tamanho natural.
(Foto do acervo do Prof. Wilson Lourenço).

Tityus silvestris é espécie bem menor e mais clara, amarela, com pequenas manchas castanho-escuras dispersas ao longo do tegumento. Apresenta notável polimorfismo, do ponto-de-vista morfométrico, com raças locais que se distinguem pelo tamanho dos indivíduos e pelas relações entre diversos segmentos.⁴ (Figura 2).



Fig. 2 - *Tityus silvestris*. Exemplos de diversas procedências, mostrando a variação morfométrica. Da esquerda para a direita: de Manaus, Santarém, Belém e Guiana Francesa (do acervo do Prof. Wilson Lourenço).

É interessante salientar que espécimes jovens de *Tityus cambridgei*, *T. metuendus* e outras espécies do gênero (que não interessa citar aqui, porque não ocorrem no Brasil), têm sido confundidos com os pequenos *Tityus* do grupo do *T. silvestris*. É fácil distingui-los, porém, considerando que o dente subaculear, que se opõe ao aguilhão do télson (segmento distal da cauda), é agudo nos imaturos de *T. cambridgei* e *T. metuendus*, e rombo no grupo do *T. silvestris*. Descrita de Santarém, no Pará, *Tityus silvestris* tem ampla distribuição, estendendo-se até o Oiapoque, no Amapá, Guiana Francesa, Amazonas, Acre e Peru.⁵ É a segunda espécie mais freqüente no Estado do Pará; mas, ao menos pelas dimensões, parece ser menos nociva ao homem do que *Tityus cambridgei*. É outra espécie que, seguramente, ocorre na Grande Belém.

Ananteris balzani (Figura 3) pertence a um gênero de muito pequenas dimensões, que se caracteriza, conforme a própria etimologia do nome genérico, pela ausência de fulcros no pente. A coloração geral da espécie é pardo-amarelada, com manchas mais ou menos reticuladas.² Foi originalmente descrita do Mato Grosso e tem ampla distribuição, desde o norte da Argentina, Paraguai, Bolívia, Paraná, São Paulo, Mato Grosso, Goiás, Distrito Federal e Minas Gerais, até o Pará e a Guiana Francesa², sempre em áreas de formação aberta - uma distribuição contínua em áreas de cerrado e disjunta nas



Fig. 3 - *Ananteris balzani*
(do acervo do Prof.
Wilson Lourenço).

áreas florestadas da Amazônia e Guianas, apenas com núcleos de populações nos enclaves de savana das regiões de floresta.⁶ Por isso, não cremos que possa ocorrer na Área Metropolitana de Belém. Não deve ter maior importância na patologia regional amazônica, tanto pela pequena dimensão da espécie, que não ultrapassa 28,8 mm de comprimento (raramente maior que 25 mm), como pela relativa raridade de seu achado.

Brotheas paraensis é muito mais rara ainda, somente conhecida pelo holótipo, depositado no Museu Nacional de História Natural, em Paris. De origem mal definida, apenas referida como do Pará, pode nem ter sido coletada exatamente na área de Belém. Trata-se de um escorpião robusto, de coloração castanho-escuro, pinças volumosas e espiráculos respiratórios alongados, “em fenda” ou “em casa de botão” (características comuns a todas as espécies do gênero). Comprimento: 5 cm: Hábitos silvestres.

IMPORTÂNCIA MÉDICA

Muito pouco se tem escrito sobre o escorpionismo na Amazônia Oriental. Em levantamento bibliográfico recente, deparamos com apenas duas comunicações em eventos científicos, ambas referentes à casuística do Hospital Universitário João de Barros Barreto, de Belém: dois temas livres, de autoria de ASANO *et al.*¹ e MARTINS *et al.*⁸. Falam de 12 casos atendidos naquele hospital no período de 1992 a 1995, e de 41 no primeiro semestre de 1996. Um destes últimos, fatal: um menino de 7 anos,

procedente do Murini, localidade do município de Benevides, distante apenas uns 20 km da área urbana de Belém.

Essa ocorrência contradiz o conceito prevalente da pouca importância médica dos escorpiões da Amazônia, o que não confere, aliás, com o pensamento dos especialistas, para quem o potencial de toxicidade do veneno de *Tityus cambridgei* é comparável ao de outras espécies do gênero consideradas de grande interesse no Brasil, tais como *Tityus serrulatus* e *T. bahiensis*. O que talvez melhor explique a menor frequência de casos graves na região, seja a quantidade, não a qualidade do veneno inoculada.

CONCLUSÃO

Estas observações recomendam que se passe a dar maior atenção a esse tipo de acidente e justifica nossa disposição de fazer também, do Instituto Evandro Chagas e do Hospital Universitário João de Barros Barreto, centros de referência regional de escorpionismo para a Amazônia Oriental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ASANO, M. E., ARNUND, R. M., LOPES, F. O. B., PARDAL, J. S. O., PARDAL, P. P. O. Estudo clínico e epidemiológico de 12 acidentes por escorpião atendidos no Hospital Universitário João de Barros Barreto, Belém - Pará no período de 1992-1995. **Rev. Soc. Brasil. Med. Trop.**, v.29, supl.1, p.243, 1996 [Congresso da SBMT, 32, tema livre n.547].
2. LOURENÇO, W. R. Révision du genre *Ananteris* Thorell, 1891 (Scorpiones, Buthidae) et description de six espèces nouvelles. **Bull. Mus. Natn. Hist. Nat.**, Paris, 4^e sér. v.4A, n.1-2, p.119-151, 1982.
3. LOURENÇO, W. R. La faune des Scorpions de Guyane française. **Bull. Mus. Natn. Hist. Nat.**, Paris, 4^e sér. v.5A, n.3, p.771-808, 1983.
4. LOURENÇO, W. R. Revisão crítica das espécies *Tityus* do Estado do Pará (Scorpiones, Buthidae). **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**, sér. Zool., v.1, n.1, p.5-18, abr. 1984.
5. LOURENÇO, W. R. Diversité de la faune scorpionique de la Region Amazonienne; centres d'endemisme; nouvel appui a la theorie des refuges forestier du Pleistocene. **Actas X Congr. Int. Aracnol.**, Jaca/Espanha, v.1, p.231-237, 1986.
6. LOURENÇO, W. R. Sinopse da fauna escorpiônica do Estado do Pará, especialmente as regiões de Carajás, Tucuruí, Belém e Trombetas. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**, sér. Zool., v.4, n.2, p.155-173, dez. 1988.
7. LOURENÇO, W. R. La "Province" biogeographique guyanaise; etude de la biodiversite et des centres d'endemisme en vue de la conservation des patrimoines genetiques. **C. R. Soc. Biogéogr.**, v.67, n.2, p.113-131, 1991.

8. MARTINS, M. A., PARDAL, J. S. O., PARDAL, P. P. O. Acidentes por escorpiões atendidos no HUIBB no período de janeiro a junho de 96. **Anais da V Jornada Científica do Hospital Universitário João de Barros Barreto e I Jornada da Sociedade Paraense de Pneumologia e Tisiologia**, Belém, 9 a 12 de setembro de 1996. p.17, poster n.05.
9. PRANCE, G. T. Forest refuges: Evidence from woody angiosperms. In: PRANCE, G. T. (ed.). **Biological diversification in the Tropics**. New York: Columbia University, 1982. p.137-158.



Agradecimento: ao Prof. Wilson Lourenço, do Muséum National d'Histoire Naturelle, de Paris, pela revisão do texto e pelo generoso consentimento da reprodução das fotos que ilustram este artigo.

